



QUANDO O MAR GALGOU A TERRA

DRAMA EM 3 ACTOS, ORIGINAL DE

ARMANDO CORTES-RODRIGUES

1º A C T OP E R S O N A G E N S

Tio João do Brás

67 Anos. Cego. Com o rosto tismado da soalheira e certo asseio no seu ar de mendigo: A T E R R A

Miguel

25 Anos. Olhos claros. Cabelo revoltado. Mocidade robusta no mourejar das ondas: O M A R

Aninhas

Filha do tio João do Brás. 22 anos. Olhos castanhos e cabelos da mesma cor. Mocidade em flor: A V I D A

=====

Aldeia de S. Miguel, perdida num recanto da costa, que desce da serra até à beira-mar. Casa de pobres.

Ao fundo e ao centro, janela com suas portas de madeira e única fiada de vidros e seus assentos de pedra salientes. Vê-se no exterior, um pedaço de muro fronteiro de pedra solta, por sobre o qual espreita a folhagem duma figueira, uma nesga lilás de serra mais distante e céu azul com nuvens.

A E.A. uma porta antiga de postigo que dá para a rua.

A E.B. uma meia cómoda com sua toalha de renda larga, a modos de altar, uma lapinha, castiçais de metal amarelo e vasos da Lagoa.

Na parede por sobre a cómoda, um registo do Senhor Santo Cristo dos Milagres.

Ao fundo e à esquerda, uma barra alta com seu roda-pé de pano branco e sua colcha de Á via de Pau, já gasta do uso. Sobre ela uma viola. Na parede uma gravura antiga com moldura e vidro, representando Sant'Ana.

Ainda ao fundo e à direita, uma lareira escavada na parede com lar e amasaria. Uma trempe com uma panela. Louça de barro. Uma candeia. Na prateleira sobre o arco da chaminé, uma sertã, uma bilha e uma almotolia. Ao lado esquerdo da lareira, um talhão de ~~St.~~ Maria com seu pucarinho de barro.

A D.A. uma porta com postigo que dá para o quintal.

A D.B. um banco comprido de 4 pés, tosco e com dois sacos de novidades, ao alto.

Ao centro uma mesa, duas cadeiras e um banco redondo de três pés.

Vê-se o tecto da casa com suas traves e barrotes.

Começa de cair a tarde, uma tarde de Maio perfumada e serena.

De vez em quando ouvem-se ao longe, os chocalhos dos rebanhos que regressam à aldeia.

===== -/- =====

ANINHAS

Está só em cena e veste à moda das camponesas Micaelenses. Saia de chita com folhos, rodada e franzida na cintura, casaco branco enfeitado com torçal vermelho a ponto de espinha, com pregas e botões à frente; chinelos da Terceira, abertos atrás e com uma tira de verniz preto no couro da frente.

(Termina na lareira os últimos arranjos para a ceia, atarefada e ordeira.)
(Vai à parede do quintal.) (Enxota o gato.)

Sape, tareco! Não tens outro préstimo senão andares a dormir por cima da roupa. Olha que bem me custou a lavar esta manhã na ribeira. Arressume-te da minha vista. Ora o desalmado! Para que lhe havia de dar...

(Volta a varrer a cinza do lar. Nisto apercebe-se duma aranha e, para a matar, bate a vassoura contra a parede.)

S.Bento! S.Bento!
 Ele bem me disse
 Que assim que te visse
 Logo te ferisse

Agora vai fazer a teia para outra parte se és capaz! Nada que não! Anda a gente a estafar-se todo o dia como uma negra, para se pôrem vocês a sujar a casa.

(Tira de cima da mesa a costura interrompida e vem sentar-se à janela.)
(Enquanto costura canta:)

Se eu quisesse ter amores
 Com cinco réis tinha um cento
 Não quero à minha porta
 Tanta cabeça de vento

(Depois de uma pausa, falando alto para fora)

O que é?!.. Eu não e tu?... Falta o melhor minha rica... Hein?...
 A pé?... Nessa não caio eu. São sete léguas bem puxadas... Vai tu e depois me dirás. (Pausa)

Vejam a seresma! Até parece que furta a manteiga do boião para alisar as farripas... Essas sempre têm sorte... Não lhes bastam os da Breguesia, para ir procurar outros mais longe. (Pausa)

Disse-me a Deolinda... Dois vestidos novos?... Só com o dinheiro que o pai ganhou com o que era dos outros... Quando foi do fogo do Senhor da Pedra já ela andava com ares de delambida... Derretia-se toda ... Paspalhona ... (Pausa)

O quê?... Com o Pai-Avô? O Miguel? Só com esse ... Nem aquela pimpona merecia outra coisa... Ciúmes?... Ora essa... Porquê?... Casa-te tu Marquinhas... Não gabas tanto às outras?... Comigo?... Filha de cego não tem dinheiro... Tomara tirar alguma coisa para meu pai passar a vida, quanto mais para me dotar...

(Termina na lareira os últimos arranjos para a ceia, atarefada e ordeira.)
(Vai à parede do quintal.) (Enxota o gato.)

Sape, tareco! Não tens outro préstimo senão andares a dormir por cima da roupa. Olha que bem me custou a lavar esta manhã na ribeira. Arressume-te da minha vista. Ora o desalmado! Para que lhe havia de dar...

(Volta a varrer a cinza do lar. Nisto apercebe-se duma aranha e, para a matar, bate a vassoura contra a parede.)

S.Bento! S.Bento!
 Ele bem me disse
 Que assim que te visse
 Logo te ferisse

Agora vai fazer a teia para outra parte se és capaz! Nada que não! Anda a gente a estafar-se todo o dia como uma negra, para se pôrem vocês a sujar a casa.

(Tira de cima da mesa a costura interrompida e vem sentar-se à janela.)
(Enquanto costura canta:)

Se eu quisesse ter amores
 Com cinco réis tinha um cento
 Não quero à minha porta
 Tanta cabeça de vento

(Depois de uma pausa, falando alto para fora)

O que é?!.. Eu não e tu?... Falta o melhor minha rica... Hein?...
 A pé?... Nessa não caio eu. São sete léguas bem puxadas... Vai tu e depois me dirás. (Pausa)

Vejam a seresma! Até parece que furta a manteiga do boião para alisar as farripas... Essas sempre têm sorte... Não lhes bastam os da Breguesia, para ir procurar outros mais longe. (Pausa)

Disse-me a Deolinda... Dois vestidos novos?... Só com o dinheiro que o pai ganhou com o que era dos outros... Quando foi do fogo do Senhor da Pedra já ela andava com ares de delambida... Derretia-se toda ... Paspalhona ... (Pausa)

O quê?... Com o Pai-Avô? O Miguel? Só com esse ... Nem aquela pimpona merecia outra coisa... Ciúmes?... Ora essa... Porquê?... Casa-te tu Marquinhas... Não gabas tanto às outras?... Comigo?... Filha de cego não tem dinheiro... Tomara tirar alguma coisa para meu pai passar a vida, quanto mais para me dotar...

(Levanta-se, vai à lareira e aconchega a lenha debaixo da trempe.) Sacode uma couve da água do alguidar e põe-na na panela. Temperada. Sopra o lume. Volta a sentar-se, mas desta vez mais longe da janela, no banco de três pés. Há um silêncio longo. Batem à porta)

UMA VOZ (da rua arrastada e chorosa)

Esmolinha pelas benditas almas do purgatório!...

ANINHAS

Perdoe pelo amor de Deus tiosinho. Este não deve ser pobre cá da freguesia.

(Continua costurando. Depois de uma pausa canta a meia voz)

Ó meu amor de tão longe
Tira tempo vem-me ver

(Batem de novo à porta. Aninhas suspende o canto, indecisa. Tornam a bater.)

UMA VOZ (de fora)

Eh, ti João do Braz!

ANINHAS

Esta voz ...

A MESMA VOZ (de fora)

Eh ti João!

ANINHAS

Não está. Volte por cá mais logo.

MIGUEL (Abrindo a porta resolutamente)

Ora com sua licença.